

ENTRE DESEJO, CONSUMO E VIVÊNCIAS: O “FREIO DA BLAZER” NA PERSPECTIVA DE MARCELO CAMPOS RELATA A VIVÊNCIA DE SEUS SEMELHANTES

Beatrice Fernandes

Este relato conta sobre a vivência da autora em semelhança com referenciais negros, tanto no ambiente acadêmico, quanto a arte produzida fora das instituições de ensino. Falar de nossas memórias, costumes e saberes enriquecem o ambiente institucional de maneira que só nós podemos contar a nossa própria história, e como essas lutas, sonhos e feridas são infelizmente comuns a nós. O freio da blazer como uma manutenção social de corromper sonhos; e como pretas, pretos e pretes driblam as adversidades para realizar seus sonhos, obter respeito e ser referência.

Palavras-chaves: Rio de Janeiro; Arte; Memórias; Afrobrasileiros; Rap.

Graduanda em Artes Visuais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IART/ UERJ). Bolsista de extensão no projeto "Des-construção de gênero na promoção de saúde escolar e cultura da paz". Pesquisando Necropolítica e decolonialidade, desde a formação do Brasil até a reverberação dessa violência no período pandêmico. Contato: beatrice.fernandesf@gmail.com

Relendo o artigo *“O freio da Blazer”, a “cara da dura”: notas sobre itinerários entre a cidade, a arte, institucionalidades e ascendências afro-brasileiras*, de Marcelo Campos para a Revista Arte e Ensaios, me pego pensando no meu atual lugar de escrita e relato, onde estou dando passos para compreender o circuito de artes sem jamais esquecer que sou negra, pobre e mulher nesse meio. Meu relato vem de memórias pessoais que saltam da minha mente ao dissecar o texto e assistir ao show do artista L7nnon num evento onde todo o line era composto por artistas pretos da cena rap e trap brasileira.

Marcelo relata a liberdade de uma escrita que se dá a partir de uma trajetória de 30 anos de pesquisa e observação e se comparado a mim, ainda estou engatinhando. O que me instiga nessa leitura é a identificação com relatos do autor. L7nnon entra nessa dança a partir da canção *“Freio da Blazer”*, onde traz versos que enfatizam a ascensão, autoestima, respeito que conquistou e o estereótipo de quem é parado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro – do lixo ao luxo.

O artista e compositor deixa explícito na letra um passado e presente, que hoje é futuro. *“Eu tô vivendo no futuro, quem disse que eu tava duro, quer saber quanto eu faturei. Tô de melhor, não é na vista. Pagando à vista, ô, nada de juro. Acelerando, vrum. Sabe que hoje eu 'to de nave” (...)* *Aquela cena, vida de cinema. Numa semana é Mega-Sena acumulada, ahn, agora não falta nada, ahn. Mais de 20k no bolso, ahn, artilharia pesada”*.

Nos versos que L7nnon compôs junto com AJAXX, nota-se a ostentação atual em contraste com a falta passada e num breve jogo com o tempo e sua espacialidade, dialogam com as lembranças profundas de Marcelo Campos ao cruzar a cidade de ônibus – 696 Méier x Fundão – durante longos 7 anos e que, no final desse trajeto, é convidado a lecionar na EBA, agora na tentativa de empretecer aquele espaço.

Marcelo, nesse atual território, faz questão de repensar seus posicionamentos intelectuais e atitudes ao longo da vida sem separar arte de suas vivências pessoais, o que para esses espaços majoritariamente brancos sempre foi possível separar. Quando L7 canta sobre o Freio da Blazer, ele traz à tona a atenção de um público específico, que se identifica não só com o artista, mas com a ação em si.

Essa proximidade com a arte contemporânea se dá através de referenciais negros, falando sobre vivências negras e sonhos negros.

Esses dias estava me arrumando para sair com meu companheiro – que é branco - e ao vê-lo arrumado, disse: *você tá a cara do desvio da Blazer*. Rimos. Essa brincadeira só reitera a consciência de para quem essa Blazer freia todos os dias.

Trazendo essa ação para mim, faço reflexões diárias a respeito da minha inserção na Universidade, meu primeiro sonho conquistado ao longo dos meus 29 anos. Repito, meu primeiro sonho conquistado em 29 anos de existência. As minhas relações com a arte estavam sempre ali, embora tenha demorado a perceber. Minha iniciação cristã na Assembléia de Deus do Pechincha, onde eu cantava, dançava e atuava e aprendi a tocar flauta transversal, sax e um pouco de trompete e clarinete, acredito ter sido o início dessa aspiração. Posteriormente, tive contato com dança afro, teatro iniciante e teatro corpo ativista, além de ter trabalhado na recepção do CCBB RJ – lugar que sempre quis trabalhar - onde ficava deslumbrada com os contatos diários com diferentes pessoas, mas de-

cepcionada com a gestão. Percebo que meu corpo não valia nada para a instituição enquanto estava na posição de colaboradora. É aquela hipocrisia velada entre mostrar ao público externo que é uma instituição acolhedora e diversa, e que no núcleo interno me massacrava e desrespeitava num ato de me negar um uniforme digno e eu tê-lo que comprar mesmo sem remuneração.

Caminhando mais à frente, agora já com minhas produções individuais, fui convidada em dezembro de 2022 para expor pela primeira vez no evento de *20 anos do Jornal A Nova Democracia*, um evento literário que trazia como tema a luta pela terra. Apresentei meu trabalho *Agro é tech, fome é pop (2022)*, em que utilizei material simples e barato que é descartável (saco raschel) usado em larga escala pela indústria agrícola e com os dizeres *FOME\$*, onde denota o superfaturamento dessas indústrias com exploração do solo e uso de agrotóxicos, indo de contramão com o mapa da fome no país e alimentos que chegam à mesa nem sempre saudáveis e de qualidade. (Figura 01).



Fig. 01: Agro é tech, gome é pop, 2022. Saco raschel e colagem, 57×98 cm.

Estava eu me apresentando, minha amiga artista Nadiny Colares e um homem que não vale meu latim. Fomos convidados a falar de nosso trabalho, e entre um desespero e ansiedade – havia uma transmissão acontecendo ao vivo – consegui passar minha mensagem. Em seguida, Nadiny se apresenta e fala de seu trabalho que denuncia os crimes no agronegócio com pinturas em bandeja de isopor remetendo ao trabalho braçal. A palavra foi dada ao terceiro artista, que ao invés de se apresentar ao público e falar acerca de seu trabalho, desqualifica o nosso em poucos segundos de fala rasa, dizendo: *eu não preciso explicar meu trabalho, ele já diz por si só*. Sequer disse seu nome.

O estranhamento do público ficou estampado no rosto ao ouvi-lo. No meu

rosto, o desprezo e no pensamento, o ódio. Como pode num momento de glória e reconhecimento de duas mulheres pretas um homem fazer isso em plena transmissão ao vivo?

Quando as luzes da câmera se apagaram e o evento terminou, ele veio se desculpar de um ato que ficou registrado não só em mim, mas numa plataforma mundial acessada por mais de 2.000 pessoas, fora os presentes ali.

Eu o “desculpei”, mas não pude perder a oportunidade de tirar um sarro, afinal o próprio artista não sabia acerca da origem imagem que estava na própria obra, e eu tive que explicar sobre o que se tratava – o artista não sabia que garimpo, mineração e extração eram exatamente a mesma coisa, mas achou interessante fazer uma colagem sobre.

Isso é mais um exemplo de assolamento dessa branquitude. Esse artista cumpriu seu papel de quem dirige e decide parar a *Blazer*. Dessa memória, eu prefiro ficar com os louros e as parabenizações do público.

Referências

CAMPOS, Marcelo. **"O freio da Blazer"**, a "cara da dura": notas sobre itinerários entre a cidade, a arte, institucionalidades e ascendências afro-brasileiras. Dossiê Escritos e re-escritos da arte afro-brasileira. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 43, p. 318-338, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: < <https://doi.org/10.37235/ae.n43.18>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/54295/29656> > Acesso em: 18 ago. 2023.

FERNANDES, Beatrice. **Agro é tech, fome é pop**. 2022. Saco raschel, cola. Marrom, verde e vermelho. 57 × 98 cm. Rio de Janeiro. Acervo pessoal.

FRASSETI, Lennon dos Santos Barbosa. CORDEIRO, Leonardo Figura. **Freio da Blazer**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2021. 3:00min.

MARIA, Giovanna. **AND conclui seu primeiro concurso literário com grande cerimônia de premiação**. A Nova Democracia. Disponível em: < <https://anovademocracia.com.br/and-conclui-seu-i-concurso-literario-com-grande-cerimonia-de-premiacao/> > Acesso em: 18 ago. 2023.